

**O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO: A PROPOSTA
DE UMA NOVA ÉTICA CRISTÃ**

Mestranda. REGINA KAWAMURA. USP

RESUMO

Relacionar a leitura do romance O Evangelho Segundo Jesus Cristo de José Saramago à perspectiva de Frederick Nietzsche, acerca de sua proposta ética para uma sociedade livre, é o que propõe a seguinte comunicação.

Saramago reconstrói a saga de Jesus sob o prisma humano. O filho de Deus nega o seu destino, quando toma ciência da sua missão de difundir a fé cristã e os poderes de Deus por meio da inoculação da culpa e do medo nas pessoas. Recusa-se a ser a imagem e semelhança de um tirano e se nega morrer como filho de Deus. Com isso, não ressuscita depois da morte e diante disso, o autor sugere a construção de novas perspectivas para a história do cristianismo, assim como propunha Nietzsche, ir ao seu próprio encontro, fugir do desejo nirvânico do aniquilamento e do sonho letal de uma vida melhor de além túmulo.

Palavras-chave: Ética, Cristianismo, Sociedade, Saramago, Nietzsche.

INTRODUÇÃO:

O objetivo desta comunicação é relacionar a leitura do romance *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago publicado no ano de 1991 (SARAMAGO, 2005) ao pensamento do filósofo Friedrich Nietzsche acerca dos ideais cristãos. Tanto o escritor como o filósofo refletiram sobre a questão do Cristianismo. Cada um, à sua maneira, e ambos propondo novas diretrizes a serem consideradas.

O filósofo Nietzsche refuta o cristianismo como uma forma de atingir a felicidade após a morte, a partir da idéia de que Cristo abriria a porta dos céus e, todos aqueles que o seguissem teriam a possibilidade de entrar nele, com tal promessa de felicidade eterna e inalcançável na terra, o cristianismo pregava o ódio à vida e o enfraquecimento das vontades humanas.

Segundo Nietzsche:

Deus é uma resposta que o homem dá a um ponto de interrogação para esclarecer as perguntas não esclarecidas pela ciência e pela filosofia. Aí o homem coloca a imagem projetada de si mesmo num grande ser que teria todas as qualidades e atributos humanos ampliados além dos seus limites. Deus é assim, para o homem, um ideal de super-humanidade. Um ideal grosseiro, mas ingênuo, sincero, vindos dos seus ansejos naturais (NIETZSCHE, 1988. p.36).

É o que se pode chamar segundo Nietzsche “uma estratificação da vontade humana de potência”.

Seu legado ético está em fortalecer as potências humanas frente à idéia de culpa, medo e imobilização gerada pela manipulação provocada pelo cristianismo. O filósofo queria com sua crítica sugerir às pessoas que amassem mais o mundo, afinal, se somos filhos da terra, devemos amá-la e assim amar a vida, essa era a sua prece.

Buscar-se novamente, ir ao seu próprio encontro, fugir do desejo nirvânico do aniquilamento e do sonho letal de uma vida melhor de além túmulo, construindo no mundo a sua plena realização, vencendo as dificuldades e conhecendo a felicidade das vitórias, - esta a maneira de servir e de agradecer a Deus. O céu está no homem, como o inferno está no homem. É só saber procurá-lo (NIETZSCHE, 1988. p.40).

Saramago corrobora com as idéias de Nietzsche, apesar da diferença temporal que os separa, ao propor através de seu romance um possível “novo legado ético” para o cristianismo. Saramago o faz por meio de uma narrativa que tem como pano de fundo a história da saga de Jesus diante da tirania divina.

No entanto, para refutar o mito cristão, sua personagem, Jesus, nega-se veementemente a deixar-se imolar como o filho de Deus, a fim de impedir que a onipotência e ganância do pai se sobressaíssem na história do cristianismo.

Jesus nega os preceitos divinos impostos a ele, e isso deixa implícito um novo caminho de reflexão para o cristianismo ocidental conforme será demonstrado a partir da leitura de trechos do romance do escritor português.

Saramago, assim como Nietzsche concordam que o homem deve construir a sua felicidade não às custas da tirania e do medo, mas sim com a colaboração da vida.

Na obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, Saramago reconstrói a história de Jesus sob um novo prisma. A partir dos elementos já existentes nos evangelhos - personagens, lugares, acontecimentos marcantes - propõe uma releitura dos fatos bíblicos que se faz de forma prodigiosa e surpreendente. De modo a colocar o leitor diante de um texto que é o resultado de um ato intencional, pelo qual o autor se refere e intervém em um mundo existente, mas visa a algo ainda não acessível à consciência.

Cabe então ao leitor interpretar o mundo esboçado pelo autor e modificar esse mundo oferecido pelo texto. E é a partir dessa mudança que o texto se torna único e repleto de significações. Sobretudo no que se refere ao legado ético proposto pelo autor.

Humanizar Jesus em seus desejos e sentimentos foi a forma empregada por Saramago para romper com o mito cristão e difundir seu ideal ético. No entanto, a índole de Jesus permanece intocada, pois é através dele - humano e vivo, assim como todos os homens - é que está a verdadeira força e potência da humanidade.

Não é Jesus quem deve ser julgado na obra, pois, mesmo negando os preceitos divinos impostos por seu pai (Deus) ou pelo judaísmo, ele não deixa de pensar na humanidade, nem no sofrimento dos homens.

O que está em questão no livro é o poder, o egoísmo, a ambição e a barbárie, representadas metaforicamente, pela figura de Deus que enfraquece o homem e o torna escravo do medo e da culpa. Ponto em que o autor português se aproxima do filósofo.

Assim, dissemina-se o “poder” pela personagem de Saramago que representa Deus, no entanto, o autor amplia tal artimanha para instituições que balizam à sociedade e não somente as religiosas. O autor se vale do mito religioso como principal pilar, no qual se instalam as relações de poder: a opressão e a barbárie.

Para demonstrar a relação entre romancista e filósofo, será feito um recorte de trechos do romance em que há a conformidade dos dois discursos.

O excerto abaixo é um trecho em que Deus dialoga com Jesus em meio ao nevoeiro para mostrar-lhe a inexorabilidade do destino para o qual predestinou o filho e conseqüentemente à humanidade.

Então, servis-vos dos homens, Sim, meu filho, O homem é pau para toda a colher, desde que nasce até que morre está sempre disposto a obedecer, mandam-no para ali, e ele vai, dizem-lhe que pare, e ele pára, ordenam-lhe que volte para trás, e ele recua, o homem, tanto na paz como na guerra, falando em termos gerais, é a melhor coisa que podia ter sucedido aos deuses. E o pau de que eu fui feito, sendo homem, para que colher vai servir, sendo teu filho, Serás a colher que eu mergulharei na humanidade para retirar cheia dos homens que acreditarão no deus novo em que me vou tornar, Cheia de homens, para os devorares, Não precisa que eu o devore, quem a si mesmo se devorará.”(SARAMAGO, 2005. p. 310-311)

O discurso acima deixa claro o conceito que Deus tem da humanidade, como ela é fraca, manipulável e possui a capacidade inata de se autodestruir “devorar-se”, ou seja, não será difícil expandir o poder e a glória divina num contexto como esse, em que por meio desta intervenção, a humanidade perderá força e deixará de acreditar em suas potencialidades. Conforme afirma Nietzsche:

O cristianismo, por sua vez, esmagou e alquebrou completamente o homem, e o mergulhou como que em um profundo lamaçal: então, no sentimento da total abjeção, fazia brilhar de repente o esplendor de uma piedade divina, de tal modo que o surpreendido, aturdido pela graça, lançava um grito de embevecimento e por um instante acreditava carregar o céu inteiro em si. Sobre esse doentio excesso do sentimento, sobre a profunda corrupção de cabeça e coração necessária para isso, atuam todas as intervenções psicológicas do cristianismo: ele quer aniquilar, alquebrar, aturdir, inebriar. (NIETZSCHE, 1991 p. 59)

Jesus nega-se a compactuar com o plano do pai, inclusive por saber que por conta dele e de sua morte muitos morrerão no transcorrer da história da humanidade, para que o cristianismo prevaleça e o poder de Deus se propague pelos quatro cantos do mundo:

O único Deus sou eu, eu sou o Senhor, e tu és o meu Filho, Morrerão milhares, Centenas de milhares, Morrerão centenas de

milhares de homens e mulheres, a terra encher-se-á de gritos de dor, de uivos e rancos de agonia, o fumo dos queimados cobrirá o sol, a gordura deles rechinará sobre as brasas, o cheiro agoniará, e tudo isso será por minha culpa, Não por tua culpa, por tua causa, Pai afasta de mim este cálice, Que tu o bebas é a condição do meu poder e da tua glória, não quero esta glória, Mas eu quero esse poder. (SARAMAGO, 2005. p. 327)

Nietzsche, com outras palavras, reafirma a índole bárbara do ideal de ascensão cristã ao mencionar os sacrifícios a que são submetidos os homens em nome da submissão religiosa:

O Cristianismo tinha a necessidade de valores bárbaros para se fazer senhor dos bárbaros: tais são o sacrifício do primogênito, a consumação do sangue na ceia, o desprezo do espírito e da cultura. O cristianismo quer dominar sobre feras, o seu meio é torná-las doentes a fraqueza é a receita cristã para o amansamento, para a civilização. (NIETZSCHE, 1916, pp. 48-49)

Filósofo e romancista corroboram no que tange a imobilidade da humanidade perante a tirania e essa seria o instrumento com o qual Deus expandiria seu poder. E Jesus seria o mártir dessa empreitada para que a partir da figura dele a dor e a culpa se espalhasse.

Se cumprires bem o teu papel, isto é, o papel que te reservei no meu plano, estou certíssimo de que em um pouco mais de meia dúzia de séculos, embora tendo de lutar, eu e tu, com muitas contrariedades, passarei de deus dos hebreus a deus dos que chamaremos de católicos, à grega, E qual foi o papel que me destinastes no teu plano, O de mártir, meu filho, o de vítima, que é o que de melhor há para fazer espalhar uma crença e afervorar uma fé. (SARAMAGO, 2005. p.309)

Jesus de Saramago é obrigado a aceitar os desígnios do pai de conquistar a fé do povo através do medo e da insegurança, no entanto deixa clara a sua contrariedade quando no trecho em que parodia o “Sermão da montanha” é tomado pela onipresença do pai que modifica suas palavras positivas de bem-aventurança e principalmente de confiança em relação à condição social do povo para um quadro dantesco de sacrifício e pavor.

Jesus, num dia em que Deus o deixara mais à solta, a improvisar um discurso que arrebatou todos os ouvintes, ali se

tendo derramado lágrimas de alegria como só se conceberiam à vista duma já não esperada salvação, Bem-aventurados, disse Jesus, bem-aventurados vós, os que agora tendes fome, porque sereis saciados, bem-aventurados vós, os que agora chorais, porque haveis de rir, mas nesta altura deu-se Deus conta do que ali se estava a passar, e, não podendo suprimir o que por Jesus tinha sido dito, forçou a língua dele a pronunciar umas outras palavras, com que as lágrimas de felicidade se tornaram em negras lástimas por um futuro negro, Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos expulsarem, vos insultarem, e rejeitarem o vosso nome infame, por causa do filho do homem. (SARAMAGO, 2005. p.367)

Saramago constrói a figura de Jesus em consonância com a de um herói trágico, ele luta contra a tirania do destino, mas não pode vencê-lo, sua sina deve ser cumprida, no entanto, o que faz dele o verdadeiro herói dessa trama, não é o fato dele negar o seu destino, e sim de aceitá-lo, mas não conforme lhe foi ordenado pelo pai. Aí está a grandeza de Jesus desta história, ele sabe que não pode ir contra o seu destino, mas pode alterar o motivo pelo qual morrerá e conseqüentemente o rumo da história:

O filho de Deus deve morrer na cruz para que assim se cumpra a vontade do Pai, mas, se no lugar dele puséssemos um simples homem, já não poderia Deus sacrificar o Filho, Queres pôr um homem no teu lugar, um de nós, perguntou Pedro, Não, eu é que irei ocupar o lugar do Filho, Em nome de Deus, explica-te, Um simples homem, sim, mas um homem que se tivesse proclamado a si mesmo rei dos judeus, que andasse a levantar o povo para derrubar Herodes do trono e expulsar da terra os romanos. (SARAMAGO, 2005. p.367)

Jesus morre, morre (SARAMAGO, 2005. p.364)

Conclusão

Um Jesus revolucionário e humano foi a forma como Saramago vislumbrou o cristianismo. Ao recusar-se morrer como filho de Deus, Jesus nega ser imagem e semelhança do pai, pois este só remete à tirania e à barbárie. A morte humana de Jesus é a morte do mito cristão proposto por Deus, ele não ressuscita e seus discípulos não espalharão a “boa nova”. Dessa forma deu-se o fim de um processo cíclico para a abertura de novas perspectivas. O ato de Jesus foi a negação de todo esse terror que ele já sabia que iria acontecer (afinal

ele soube do futuro da humanidade após a sua morte, quando se encontrou com Deus no nevoeiro). O que poderia fazer e fez foi romper o ciclo ao crer que tal ato mudaria o quadro sinistro que até então fora traçado por Deus.

É esta a proposta ética que coloca Saramago com seu Evangelho: clamar à sociedade a viver sem a ameaça do pecado, e a ilusão do perdão proposto pela religião. Assim o homem poderia viver em sua plenitude, ou então, deixaria de se apoiar em algo que não está mais dentro de si. Conforme Nietzsche propunha no final do século XIX.

Afinal, como seria a história do Cristianismo se Jesus não tivesse ressuscitado? Como a humanidade iria expiar seus pecados? Como acreditar na ressurreição se Jesus morreu?

Referências Bibliográficas

NIETZSCHE, Friedrich, *Vontade de Potência*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano Demasiado Humano* In: *Os Pensadores - Nietzsche* Vol. 1: São Paulo: Nova Cultural, 1991.

NIETZSCHE, Frederico *O Anti-Cristo - Estudo Crítico Sobre a Crença Cristã*. Lisboa: Guimarães & C^a, 1916.

SARAMAGO, José, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.